

## Utopia

# IDEAL DE REVOLUÇÃO REAPARECE EM DEFESA DAS CAUSAS PERDIDAS

Por **Guilherme Zocchio**  
e **Leandro Carrasco**

*Enquanto o mundo inteiro luta por mudanças, teoria revolucionária pode apontar perspectivas ao que está acontecendo*

Ocupe Wall Street, ocupe Sampa, Rio, ocupe Madrid, Barcelona, ocupe a Praça Tahir, vá às ruas em Atenas, Moscou, Santiago, Lisboa, Roma, Paris... O mundo está se mexendo. Em vários lugares, as pessoas, de diferentes formas, vão às ruas, protestam, discutem... Porque querem, antes de qualquer outra coisa, mudança. Ao mesmo tempo, os sistemas político e econômico passam por uma grave crise estrutural; de um lado, bancos, bolsas, grandes corporações e todo o sistema financeiro mundial estão a ruir; de outro, Estados, governos, partidos e políticos não conseguem formular uma alternativa que, para a saída dessa situação, não faça com que 99% da população mundial pague pelo ônus provocado por apenas 1%.

Os movimentos surgem em um momento de crise, e essa, por sua vez, provoca uma incerteza generalizada que anseia por resposta. As reivindicações são várias e pedem desde a queda de ditaduras, no Oriente Médio, até uma profunda reforma no sistema educacional, no Chile. Mesmo com tantas manifestações ocorrendo, não se sabe ao certo, porém, aonde é que esse sentimento de revolta pode levar. Há quem diga que seja, de algum modo, uma revolução. Mas será que o horizonte que se enxerga tanto em um quanto em qualquer outro dos casos é um horizonte revolucionário? E o que seria, antes, uma revolução? Se o momento atual pede por mudanças, ainda que não saiba realmente quais, é possível, contudo, compará-lo a partir do passado para então projetá-lo ao futuro.

**Um eterno retorno** – Chama-se revolução o momento de um retorno a um estado pré-estabelecido das coisas. Desde essa definição, no entanto, este termo foi ganhando outro sentido para assim caracterizar uma transformação radical das sociedades. Para o professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), Osvaldo Coggiola, essa mudança do uso do termo “revolução” aconteceu a partir da Revolução Francesa, no séc. XVIII, embora o sentido anterior não tivesse se perdido. “Quando se falava em volta a um estado original, era como dizer que a humanidade teve uma filosofia rousseauiana, que dizia que ela tinha nascido boa e havia sido corrompida ao longo dos séculos pelas superstições, crenças, ou seja, que tinha se alienado, transformando o poder político em um ambiente hostil para a sociedade. Portanto, mesmo que a palavra ‘revolução’ tivesse seu sentido novo, não significa que seu sentido antigo tivesse se perdido”, afirma.



Reprodução: Latuff

**Trabalhadores, estudantes, aposentados e desempregados, os 99%, ocupam centro mundial do capitalismo financeiro para pedir mudanças**

Ao longo da história, os processos revolucionários passaram a ser explicados de acordo com várias teorias. Para compreendê-los, muitos intelectuais partiram do entendimento e crítica de uma série de questões, desde a formação das sociedades, a organização política e econômica delas, até mesmo à constituição dos Estados nacionais. Coggiola acredita que a única teoria que historicamente deu conta de problematizar todas essas contradições foi o marxismo, pensamento surgido a partir dos estudos dos filósofos Karl Marx e Friedrich Engels. “Até agora não apareceu nenhuma outra que seja capaz de apontar tudo isso com essa riqueza, analisar, e não digo dar resposta imediata a tudo, senão de dar as bases para ter uma política diante de todos esses problemas”.

Outras vertentes político-filosóficas, ao mesmo tempo, também ganharam força e coincidiram em certos aspectos com o que já existia, enquanto que em outras visões partiram para a distensão e até mesmo ao confronto com aquilo que estava colocado. O professor de História na Universidade de Campinas (Unicamp) e co-autor do livro “Revoluções no Século XX”, Eduardo Valladares, diz que, do ponto de vista do anarquismo, a revolução significa a destruição do Estado, mas que “é bom começarmos falando no plural, anarquismos. No plural, porque existem as mais variadas possibilidades de tendências anarquistas. O anarquismo ao contrário do marxismo, que você

precisa ler Marx para ser marxista, o anarquismo tem o pressuposto da liberdade, a maior liberdade possível que o homem possa alcançar. Portanto, não se pode ter uma única visão sobre o anarquismo, e sobre a revolução”.

**A percepção de Marx e Engels** – Debruçados sobre uma série de contradições percebidas, pensadores formularam sobre o tema. Assim, perceberam as revoluções como um marco na história de passagem de um tipo de sociedade, portanto organizada sob determinados aspectos, para outro tipo, com novas formas de relações sociais e organização política e econômica. “O marxismo não entende a revolução como uma volta a seu estado original – mas não em termos absolutos, ele afirma que a humanidade partiu não de uma bondade absoluta, de um estado de selvageria inocente –, mas de um estágio de comunismo primitivo para um estágio que chegaria através de sucessivas sociedades de classes, baseadas nas opressões de classes, para o estágio em que as bases do comunismo primitivo seriam retomadas, com a propriedade comum dos bens sob a base de um desenvolvimento da força produtiva e uma consciência desse processo”, explica o professor Coggiola.

A revolução para o marxismo, logo, seria a supressão de todas as classes sociais. Dessa forma, as sociedades sempre estiveram divididas historicamente no seguinte desenho: entre a classe dominante, que são aqueles que detêm o poder econômico – que, para o marxismo, está ligado ao poder político – e a classe dominada, aqueles que, por não serem detentores da propriedade privada dos meios de produção na sociedade, oferecem

“ **NÃO SE PODE TER UMA ÚNICA VISÃO SOBRE O ANARQUISMO, E SOBRE A REVOLUÇÃO** ”  
(EDUARDO VALLADARES)

seu trabalho aos detentores do poder econômico como forma de subsistência e são, desse modo, explorados. Nesse sentido, até 1848, a idéia de democracia esteve bastante ligada à idéia de revolução, porque também pretendia a eliminação da sociedade de classes. Depois dessa data, porém, surge na Europa uma democracia moderada, que pretendia limitar os avanços sociais mantendo a propriedade privada.

Coggiola diz que Marx e Engels passaram a perceber, assim, que os governos eram basicamente ditaduras de classe, embora nem sempre se expressassem sob formas ditatoriais, pelo cerceamento das liberdades. “A forma mais direta da ditadura de classes era justamente na forma mais ‘democrática’, porque os proprietários se postulavam como os detentores do poder político”. Além disso, ele esclarece que no Estado, mesmo se não fosse detentora direta do poder, a classe dominante poderia ter a seu serviço uma burocracia estatal que governaria em função do interesse de ambos. “O poder político poderia ser exercido por uma burocracia que não era a classe dominante, mas que agia em função dos interesses dela; mas em primeiro lugar em função dos seus próprios interesses, interesses de burocracia estatal”, expõe.

“**A FORMA MAIS DIRETA DA DITADURA DE CLASSES ERA JUSTAMENTE NA FORMA MAIS ‘DEMOCRÁTICA’**”  
(OSVALDO COGGIOLA)

O marxismo ainda coloca que a propriedade privada dos meios de produção deveria ser tomada pela classe dos dominados e transformada posteriormente em propriedade social — o socialismo. Logo, institucionalizaria uma ditadura do proletariado, onde a maioria governaria sobre uma minoria, no caso, a burguesia. De acordo com Coggiola, “para Marx e Engels, a revolução só aconteceria em sociedades concretas, ou seja, divididas em classes. Portanto, deveria se substituir a ditadura de classes da burguesia por uma ditadura do proletariado. Uma ditadura da maioria contra a minoria. Essa ditadura do proletariado teria que evoluir para tornar a direção do Estado cada vez menos opressiva e o Estado se desfazer”.

A primeira questão para uma revolução socialista é o desenvolvimento das forças produtivas; sem essas circunstâncias, ela não poderia acontecer, segundo Coggiola: “uma revolução socialista exige um desenvolvimento das forças produtivas que permitam passar para um estágio socialista”. Dessa maneira, o professor da USP também diz que, do ponto de vista dele, os movimentos que estão colocados hoje pelo mundo talvez não tenham um projeto socialista e nem reconhecem a questão da diferenciação de classes, pois “evidentemente que os movimentos que estão aí têm apenas o esboço de uma política e a expressão de uma vontade”.

**Autonomia e Liberdade** – Quanto aos anarquismos, Valladares salienta que eles sempre se enxergaram também socialistas. “Os anarquistas se definem socialistas desde o século XIX, como socialistas libertários”. Entre algumas das vertentes desse pensamento, o professor ainda explica que “o anarco-comunismo”, por exemplo, “é uma corrente que foi muito forte no século XIX, e entrava em disputa com o anarco-sindicalismo. Há outras correntes, com anarco-sindicalistas que

defendiam que a organização dos trabalhadores se daria pelos sindicatos, e esses sindicatos seriam a essência do novo modelo após a greve geral que poria fim ao capitalismo”. Além disso, ele reforça o caráter plural dessa forma de organização: “se admite-se o anarquismo no plural, admite-se amplas possibilidades de se conquistar a liberdade. E é justamente essa diversidade que cria uma riqueza do movimento anarquista”.

Para o anarquismo, por sua vez, a luta central por uma sociedade livre e igualitária, seria a luta contra o poder, que, nessa visão, encontra-se concentrado em três pilares: no capitalismo, no Estado e na Igreja. De acordo com o professor da Unicamp, assim, o anarquismo está ligado à idéia de “caminhar para o homem mais livre e mais autônomo possível, resgatando, portanto, a idéia da modernidade. Essa idéia diz que a busca pela felicidade faz parte de um projeto político. É possível chegar à felicidade com um projeto associado à liberdade e à igualdade. Com isso, recupera-se o que é essencial para o homem: a busca pela sua felicidade. O anarquismo não consegue ver a felicidade, se ela não estiver ligada à liberdade e à igualdade”.

É nessa igualdade entre todos que, de modo que não exista nenhuma relação vertical, e desigual, entre os indivíduos, aparece, pois, o anarquismo. A palavra anarquia vem da origem grega *anarkhos*, a qual, a partir do prefixo “an” (sem) e a raiz “arkhê” (autoridade, governo), significa “sem-governo”; ao contrário do senso comum, portanto, significa não a existência de nenhum limite, de nenhum poder para se sobrepor à consciência de cada um, mas a completa compreensão dos limites por cada pessoa para que a vida social possa acontecer sem a interferência

de instrumentos de poder, como um governo, ou mesmo o Estado, para ordenar sobre a vida humana.

Valladares entende que “a liberdade não se faz com submissões, e sim, com relações horizontais. Você pensar numa ética dos amigos, uma ética que você construa uma relação entre pares, que é essencial. Não significa que eu seja igual a você, pelo contrário, mas que nós respeitemos as opiniões. Agora não tem a possibilidade de se pensar no poder, em submissão”. É nesse sentido que o anarquismo, de acordo com o autor de “Revoluções no Século XX”, também pode ser encarado como uma estética, portanto, menos como doutrina política, e mais como uma “forma de viver”. “Há um setor do anarquismo que pensa em fazer do anarquismo também uma maneira de se viver, de como eu devo caminhar em relação à liberdade”.

Por fim, “como chegar à revolução? Aí os caminhos estão todos em aberto”, expõe o professor da Unicamp, em entrevista ao **Contraponto**. Ele explica que, do ponto de vista do anarquismo, o ideal revolucionário volta-se, de um lado, para desvendar e desconstruir mecanismos de coerção, coação e de supressão de liberdades; e, de outro, sempre à luta por maior liberdade e autonomia à sociedade. Mas pondera que talvez seja a grande questão em pleno século XXI, quando, ao contrário do que diziam os conservadores, não se chegou ao fim da história em substituição à luta de classes, que é “evidente que as revoluções ainda estão na pauta da política, [pois é] só ver o que está acontecendo no Mundo Árabe, só ver que as revoluções não desapareceram, elas estão presentes e voltam em ciclos”.



**No Egito, milhares vão à Praça Tahrir, no Cairo, para lutar por democracia**

**Na Espanha, contra a situação de desemprego, jovens acampam nas praças e pedem “democracia real já!”**



guizocchio@gmail.com e @guizocchio  
leandro\_carrasco@hotmail.com